

CUPULA MUNDIAL DA SOCIEDADE DA INFORMACAO

(www.itu.int/wsis)

Luciano Sathler - dia 18/11/05, 15h em Tunis

(perdoem a falta de acentos, o terminal que uso nao eh adequado ao portugues)

Desafios para as Organizacoes da Sociedade Civil rumo aas proximas negociacoes em instituicoes multilaterais de desenvolvimento

A WACC - World Association for Christian Communication (www.wacc.org.uk ou www.wacc-al.org) e CRIS (www.crisinfo.org) realizam neste momento um evento paralelo aa Cupula Mundial da Sociedade de Informacao (CMSI) designado 'Communication Rights Assessment Advocacy Framework and Toolkit'.

Sob o pretexto do lancamento da publicacao que dah titulo ao evento - brevemente disponivel em espanhol, ingles e portugues nos sites www.crisinfo.org e <http://www.ourmedianet.org/general/resources.html> - ha um encontro de varios membros de Organizacoes Internacionais da Sociedade Civil (OISC) que fazem uma avaliacao da CMSI em termos da participacao das OISCs.

Como toda grande oportunidade que surge em nossas vidas, o risco que acompanha as mudancas que se fazem necessarias eh muito alto. A possibilidade, aberta por pressao das OISCs, de participar ativamente de todo processo preparatorio da CMSI, alem dos encontros em Genebra (2003) e na Cidade de Tunis (2005), faz pensar nos desafios que existem pela frente, dos quais enumero alguns neste texto.

Primeiramente, a acusacao levantada por alguns e afirmada recentemente pela revista britanica The Economist, que as OISCs nao sao democraticas por nao se saber a quem representam, que nao tem legitimidade dada pelas urnas e nao contam com bons mecanismos de sua propria governanca e accountability.

Quanto aos fundamentos da participacao democratica das OISCs, elas nao precisam representar ninguem alem de si mesmas, desde que se atenham ao sentido do bem publico, sem fins corporativistas. Sao grupos de pressao e acao inerentes a uma democracia saudavel, com direito a voz e mobilizacao, sendo que sua efetividade vai depender de qual o tamanho do 'barulho' ou movimento que conseguirem realizar. Quanto mais gente se identificar com sua causa mais claro ficarah o seu papel e legitimidade.

Jah no que se refere aos sistemas de governanca e accountability das OISCs, ha uma necessidade clara de liderar pelo exemplo, com a busca da chamada 'transparencia radical', ou seja: numeros e acoes totalmente abertos ao publico, tando junto aos doadores quanto aa sociedade em geral, desde que isso nao ameace a propria existencia da organizacao pela possivel perseguicao por parte de governos ou empresas que se sintam prejudicados por suas atividades.

Infelizmente, aa medida em que as OISCs assumem um maior protagonismo nos sistemas de governanca mundial, comecam a surgir fraudes como organizacoes criadas e mantidas por governos - muitas vezes ditatoriais ou repressores - que se apresentam como parte da Sociedade Civil e fazem o jogo dos despotas. Eh preciso desmascarar essa gente.

Existem algumas organizaçoes criadas em torno de um evento, como foi o caso na propria CMSI. Ou seja, existem apenas durante o processo da Cupula, com vistas a fecharem as portas assim que acabar a discussao sob esse timbre. Eh algo legitimo, mas que pode ser preocupante em alguns casos.

Talvez o maior problema esteja nas OISCs com mais 'tempo de estrada', que tem maior dificuldade em lidar com os novos desafios que surgem. Novos temas pedem novas abordagens, tais como os grandes debates em torno da privacidade, manipulacao genetica, cibercrimes, virus na internet, spam, hackers com intencoes desonestas - ao contrario de hackers comprometidos com a cultura do software livre e cultura do copyleft. Mudaram os caminhos e os objetivos de financiamento dessas OISCs, sendo que algumas nao perceberam ou nao conseguem se mover para fazer frente a isso. Outras ainda tem dificuldade de pensar em parcerias com empresas do setor privado, comparavel para alguns a dar as maos com o diabo. Existe cada vez mais competicao por recursos. A avaliacao do trabalho das OISCs eh crescentemente baseado em termos numericos e visiveis, o que incomoda idealistas. A atitude low profile parece dominar para essas instituicoes, o que nao permite se fazerem notar no mesmo nivel da contribuicao que tem condicoes de oferecer aa discussao.

Por outro lado, surgem novissimas organizaçoes, formadas por estudantes e jovens que nao conheceram a Guerra Fria na carne e nem vivenciaram a experiencia da Geracao 68. Sao contemporaneos da Microsoft, portadores de ideologias inquietas, talvez demasiadamente individualistas para alguns, impacientes com a 'pasmaceira' que acreditam haver nas antigas geracoes de ativistas.

As OISCs do Sul (as que nao sao dos EUA e da Europa) muitas vezes enfrentam dificuldades maiores de financiamento e ateh com as barreiras linguisticas para uma participacao efetiva, jah que as linguas mais faladas fora do plenario - que conta com traducao simultanea nas sessoes - sao o ingles e o frances. Por mais que se defenda a diversidade linguistica, mesmo no seio da Sociedade Civil ha uma certa impaciencia com aqueles com maior dificuldade em se expressar numa das linguas dominantes.

Um debate muito serio se relaciona aos Objetivos de Desenvolvimento do Milenio (<http://www.undp.org/mdg/>), pois varias OISCs criticam a iniciativa por a considerarem demasiadamente timida, enquanto outras as acham exageradas, na medida em que nao se apontam os caminhos nem se providenciam os meios para serem alcançadas as metas estabelecidas.

Por fim, governos e empresas tem muito mais condicoes de designarem e pagarem pessoas que fiquem por conta dos processos de uma Cupula como a CMSI. Ja as OISCs tem dificuldade de realizar tal alocao de pessoal, sem falar das despesas com viagens e atualizacao profissional que se fazem necessarias para uma contribuicao efetiva e com maior autoridade.

Em suma, os desafios para a Sociedade Civil no que se refere aa participacao proativa e efetiva nos sistemas de Governanca Global sao variados e instigantes. O tempo eh de mudanca. Vai se exigir passar por caminhos arduos e tortuosos. Eh preciso buscar ainda mais o dialogo entre as proprias OISCs e destas com outros atores, tais como governos e setor privado. Bola pra fente!

CUPULA MUNDIAL DA SOCIEDADE DA INFORMACAO

(www.itu.int/wsis)

Luciano Sathler - dia 18/11/05, 11h25 em Tunis

(perdoem a falta de acentos, o terminal que uso nao e adequado ao portugues)

Compromissos para o futuro

Ao que tudo indica, quando o Secretario-Geral das Nacoes Unidas decidiu chamar uma Cupula Mundial da Sociedade de Informacao (CMSI) nao esperava que a movimentacao fosse tao intensa e gerasse tanta participacao e atencao. Varios paises haviam se dado conta que o futuro passaria pela internet, tanto em questoes de poder quanto de desenvolvimento. A pressao na epoca foi devido aa convergencia digital, que jah apontava uma possivel mudanca radical na forma como governos se relacionariam com governados, bem como empresas com seus clientes e empregados. A organizacao que foi selecionada para conduzir a CMSI foi a International Telecommunications Union (ITU), talvez a instituicao, em todo o sistema ONU, com maior presenca do empresariado em suas discussoes e definicoes.

Imediatamente apos o anuncio a iniciativa, la pelos idos de 1998, as Organizacoes Internacionais da Sociedade Civil (OISC) se articularam para reclamar uma participacao mais forte nessa que seria, talvez, a Cupula mais importante da ONU por muitos anos, tendo em vista as possibilidades que se abrem com a revolucao das NTICs - Novas Tecnologias de Informacao e Comunicacao, tanto para o bem quanto para o mal. E eis que a ITU e a propria ONU tiveram que abrir um processo mais participativo e multistakeholder approach para dar conta dos grupos de pressao que se articularam por todos os lados. Ainda se trata de um forum de decisao intergovernamental, mas ficou claro que a politica na Modernidade nao eh algo que possa ficar restrita a Estados e muito menos a Governos.

As expectativas das OISCs eram muito grandes. Vieram aa tona temas tao diversos quanto genero, ICT4Dev (NTICs para o Desenvolvimento), exclusao digital, universalizacao da educacao, acesso, infra-estrutura de telecomunicacoes, software livre, Direitos de Propriedade Intelectual, Direitos aa Comunicacao, multiculturalismo, diversidade, preservacao de linguas nativas, NTICs para pessoas com deficiencia etc. Enquanto isso, a ITU tentou concentrar a pauta em duas questoes primordiais: governanca da internet e financiamento para infra-estrutura de telecomunicacoes.

Governanca da internet eh um tema que interessa a muitos governos, jah que atualmente a organizacao responsavel por administrar a concessao de dominios - especialmente os macrodominios como o .br do Brasil e os .com das empresas ou .org das organizacoes sem fins lucrativos - eh sediada na California (EUA) e atua sob um contrato com o Departamento de Comercio daquele pais. Trata-se da ICANN - International Corporation for Assigned Names and Numbers (www.icann.org). Alem disso, existem 13 roteadores-raiz da internet no mundo, sendo que 10 deles se localizam nos EUA. Eh por onde passa todo trafego de dados da rede.

Ha outros roteadores, chamados espelhos, que repetem todos os dados de um roteador-raiz, mas ficam na dependencia destes para eventuais atualizacoes, o que pode significar seu isolamento no caso de uma crise. Ou seja, na pratica, ainda que pareca dificil algo assim no presente, os EUA podem impedir todo um pais de manter sua internet em

funcionamento e retirar 'do ar' todos os sites com o sufixo de uma nação, por exemplo.

Claro que outros países ficam incomodados com isso. São dois tipos de nações preocupadas com a concentração da internet nos EUA e o controle ser fora da sua regulamentação nacional: os que se importam realmente com modelos mais democráticos e participativos de ação no campo da Sociedade da Informação; e os governos interessados em exercer sobre a internet o mesmo nível de censura e controle que mantêm sobre os meios tradicionais de comunicação. O Brasil, graças a Deus, se encaixa no primeiro grupo.

O tema do financiamento é do maior interesse das empresas que oferecem serviços e equipamentos, pois pode significar compras imensas e grandes negócios a partir de recursos doados por países e outras empresas. Além da possibilidade de aumentar a base de consumidores que passariam a integrar o que é designado pela ITU como 'information rich people', o contrário de 'information poor people'. Sociedade da Informação é um termo que define com clareza isso: o poder financeiro, militar e de desenvolvimento não está mais nas propriedades agropecuárias nem nas indústrias, mas sim na produção, disseminação, uso e apropriação da informação.

Ambos os temas principais da pauta proposta pela ITU ficaram em aberto após essa segunda fase da CMSI, e todos se sentem de alguma forma atendidos e prejudicados, como é comum em decisões de nível global, diplomáticas e sobre temas de tamanha complexidade. A delegação brasileira, enviada pelo Ministério das Relações Exteriores e acompanhada por representantes do setor privado e da Sociedade Civil, exerceu um papel da maior importância para forçar os EUA a abrirem a possibilidade de um fórum para discussão sobre a governança da internet, que deve acontecer em 2006 na cidade de Atenas, Grécia. As vezes, na busca da democratização da internet, o Brasil se viu em má companhia, lado a lado de nações como China e Cuba, conhecidas pela censura que exercem sobre seus cidadãos também na rede mundial de computadores.

Quanto às demais preocupações das OISCs, vários fatos novos aconteceram: 1. O aprendizado proporcionado pelo trabalho conjunto e pela convivência com os processos de negociação na arena da Governança Mundial, em órgãos como a ONU e ITU; 2. A exposição dos temas de interesse da Sociedade Civil junto ao setor privado e governos, o que os obrigou a mudarem pelo menos o discurso e saírem das estereótipas discussões técnicas para o campo da tecnologia como algo que não é absolutamente neutro, tem uma intencionalidade tanto no seu desenvolvimento, produção, comercialização e uso; 3. A possibilidade de agir, se expressar e ser ouvida em áreas antes restritas a governos e lobistas que falavam ao ouvido de burocratas governamentais. Isso para não nos estendermos muito.

Logo sairão mais notícias, oficiais ou não (www.itu.int/wsis / www.worldsummit2005.org por exemplo). Vale a pena acompanhar a discussão e refletir sobre qual o melhor caminho de influir sobre essas coisas. A imobilidade pode ajudar a facilitar a concentração ainda maior de poder em poucas mãos.

CUPULA MUNDIAL DA SOCIEDADE DA INFORMACAO

(www.itu.int/wsis)

Luciano Sathler -

dia 17/11/05, 14h20 em Tunis

(perdoem a falta de acentos, o terminal que uso nao e adequado ao portugues)

Sao varios os relatos mais detalhados sobre a Cupula Mundial da Sociedade de Informacao, em varias linguas, inclusive o portugues. Portanto, vou me restringir a apresentar algumas impressoes sobre o processo por agora e deixar algo mais substancial para o relatorio final que prepararei assim que retornar ao Brasil. Portanto, este nao e um relato jornalistico, mais se assemelha a um diario de bordo.

E no minimo interessante observar, a meu ver, um certo clima de desanimo entre os ativistas da Sociedade Civil que atuam ha mais de cinco anos em prol de fazer chegar a ONU/WSIS os temas certos, mais urgentes e necessarios sobre uma 'outra sociedade possivel' que pode se concretizar por meio das TICs (Tecnologias de Informacao e Comunicacao). Trata-se de um dos grandes desafios da Governanca Internacional desenvolver o que eh chamado 'multistakeholder approach', ou seja, nao deixar o debate apenas nas maos de governos - que nem sempre agem com vistas ao interesse de seus povos - mas tambem incluir o setor privado e as Organizacoes Internacionais da Sociedade Civil (OISCs).

Dai se torna possivel testemunhar momentos de rara beleza, como ontem na abertura oficial da WSIS, quando a representante das OISCs (Shirin Ebadi - International Federation of Human Rights), fez criticas durissimas aos governantes que impedem a liberdade de seu povo e mantem prisioneiros politicos e de expressao, gente que nao pode discordar em nada da politica vigente sem correr o risco da tortura ou morte em cadeias abjetas. Disse isso ao lado e compartilhando da mesma mesa que o presidente ha 18 anos da Tunisia, pais que nos hospeda, pessoa conhecida nao exatamente por sua complacencia para com criticas a sua pessoa ou seu governo. Isso se acentua na nossa percepcao a julgar pelas milhares de fotos suas ostentadas pelas ruas, estabelecimentos comerciais e quaisquer espacos por aqui.

Tambem e agradavel ouvir o secretario-geral da International Telecommunications Union (ITU), Yoshio Utsumi, assumir em seu discurso que todo ser humano tem o direito de se comunicar (right to communicate, que eh diferente de communication rights). Ainda que esteja provavelmente pensando na posse de um telefone celular como consecucão desse direito. Sua fala demonstra que, aos poucos, pelo menos a linguagem apregoada pelas OISCs comeca a extrapolar os limites dos ja 'convertidos'.

Nessa linha, nos varios eventos paralelos, pessoas do setor privado, de empresas como Intel, Siemens, Microsoft, Motorola, Nokia etc, assumem que sua proxima fronteira mercadologica (esse eh seu principal interesse, e claro) estah junto aos pobres, pois perceberam no discurso e dados fornecidos pelas OISCs que ha um mar de gente excluida da chamada Sociedade da Informacao pela simples impossibilidade de contar com: infra-estrutura adequada, habilidade para manusear os equipamentos e softwares, condicoes para pagar pelos servicos e falta de uma regulacao adequada por parte de seus

governos. O discurso neoliberal parece se encaixar como uma luva para atender essas necessidades, a julgar pelos seus arautos do Banco Mundial que fazem coro ao empresariado. E algo até compreensível essa visão, levando-se em consideração que onde os governos têm assumido unicamente para si a tarefa de implementar as TICs de forma estratégica costuma ocorrer uma coincidência com a censura e cerceamento

à liberdade, com poucas e boas exceções que o Brasil devia conhecer melhor e seguir o exemplo.

Hoje pela manhã se realizou, por exemplo, um evento paralelo em que CRIS Campaign se fez presente por meio da fala de Sean O Siochru, um dos coordenadores mais ativos em nível mundial da luta pelos Direitos à Comunicação. O nome da iniciativa foi 'Which International Institutions Reforms for Another Possible Communication and Information Society'. A discussão é no sentido de tornar as instituições de governança internacional mais democráticas, transparentes, ágeis e capazes de responder ao chamado das massas marginalizadas e não apenas de governos e empresas, que contam com canais privilegiados de pressão sobre os funcionários de organizações como a ONU, Unesco, Unctad, ITU, Fao e outras. O crescimento da palavra 'comunicação' não é casual na designação do encontro.

Em suma, desde o fim da Guerra Fria, marcado oficialmente com a queda do muro de Berlim (1989), a ONU inaugurou essas Cúpulas, iniciando-se no Rio de Janeiro, em 1992 (ECO-92). Antes da Cúpula Mundial da Sociedade de Informação, a participação das OISCs não era oficial e tão intensamente imbricada no próprio processo, como mais um stakeholder com o qual governos e empresas teriam que lidar. O caminho se mostra árduo para aqueles que buscam um mundo mais justo, equilibrado e inclusivo. Às vezes pode parecer que caminhamos muito pouco. A indignação - que é sã - pode virar amargura para alguns. Mas vale tirar um tempo e refletir sobre os passos alcançados e então buscar o aperfeiçoamento do processo, para que mais pessoas de outras áreas possam incorporar as preocupações dessa gente que se mobiliza ao redor da luta pela cidadania e pelo respeito ao meio ambiente.